

2023

ABRIL EM ÒDEMIRA

WWW.CM-ODEMIRA.PT



Odemira
MUNICÍPIO

Discurso Presidente Câmara Municipal
Hélder Guerreiro

Exma Sra. Presidente da Assembleia Municipal;

Exmas Sras. e Srs. Vereadores;

Exmas Sras. e Srs Presidentes de Junta de Freguesia;

Exmos Sras. e Srs Membros da Assembleia Municipal;

Exmos Sras. e Srs. Convidados,

À medida que nos vamos afastando do dia 25 de abril de 1974 e que vamos amadurecendo o nosso processo democrático sinto que, cada vez mais, faz sentido falar de ideologia política porque, quando falamos de ideologia política, estaremos sempre a falar da base para as diferentes conceções de comunidades livres e justas.

À medida que nos vamos afastando do dia 25 de abril de 1974 mais importa falar do que significa vivermos numa comunidade democrática, em justiça e liberdade.

Para vos falar da minha base, como pessoa política, sobre estes temas vou recorrer, hoje, ao pensador que está na base da minha forma ideológica de pensar a política, seja ela nacional, seja ela local: John Rawls.

Parte do que me inspira, para além do pensamento obvio para todos de que "todos os cidadãos de um país democrático são livres e iguais perante a lei" são os seus três princípios para que uma comunidade possa viver em Justiça e Liberdade.

Princípio da Liberdade: Cada pessoa tem direito a um esquema completo e adequado de liberdades básicas iguais, que seja compatível com o mesmo esquema de liberdades básicas para todos.

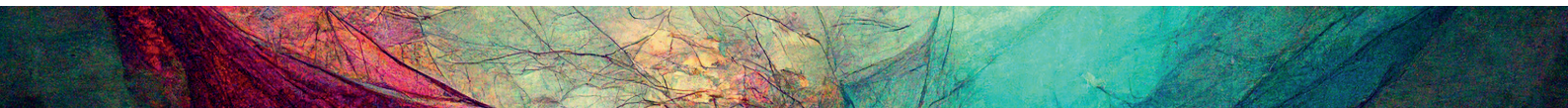
Princípio da Igualdade de Oportunidades: Só podem ser aceites quaisquer desigualdades económicas e sociais que correspondam a cargos ou posições abertas a todos em condições de justa igualdade de oportunidade. (não basta ter direito a educação e saúde igual, mas ter efetivamente acesso a educação e saúde igual)

Princípio da Diferença e/ou da Discriminação Equitativa: Só são admissíveis desigualdades económicas e sociais que se traduzam em maiores vantagens para os membros da sociedade menos favorecidos. (alguém pode ganhar mais se isso for importante para melhorar as condições de vida das pessoas menos favorecidas)

Exma Sra. Presidente da Assembleia Municipal;

Exmas Sras. e Exmos Srs.

Considerarei, realçar hoje, 49 anos depois do 25 de abril de 1974, esta minha base ideológica porque também é desse ponto de vista que vejo os nossos dois principais desafios. Desafios esses de que vos gostaria de falar hoje.



O primeiro desafio prende-se com a escassez de água. Este estado de escassez a que chegamos obriga, todos os atores, a um forte investimento, primeiro que tudo, na criação de consensos sobre a sua priorização de usos e, fundamentalmente, na busca de soluções de adaptação e/ou de novas fontes de água.

Sabemos, hoje, que os cenários de alterações climáticas que produzem esta realidade (importa sublinhar realidade) de escassez de água são mais otimistas do que a própria realidade. A cada ano, dos últimos 10 anos, temos assistido a menos chuva do que os cenários previram.

Chegados aqui, o principal dilema, portanto, é: como é que é feita a distribuição da pouca água que existe após serem satisfeitos os consumos prioritários (abastecimento humano, o abeberamento de animais e as culturas permanentes).

Na procura de caminhos para resolver este dilema podemos olhar para a “tragédia dos comuns” onde uma comunidade, por força do egoísmo de cada um dos indivíduos, esgota de forma integral um recurso que é de todos, enfrentando, por isso a impossibilidade de continuar a viver nesse local.

Por outro lado, podemos sempre “ouvir” o pensamento de John Rawls onde se acredita que “o Homem é um ser dotado de razão e, portanto, igualmente capaz de aceitar o que é racional e o que é razoável – sendo racional o que é normal cada um pretender para si próprio; e razoável é tudo o que é normal cada um aceitar como justo para os outros”.

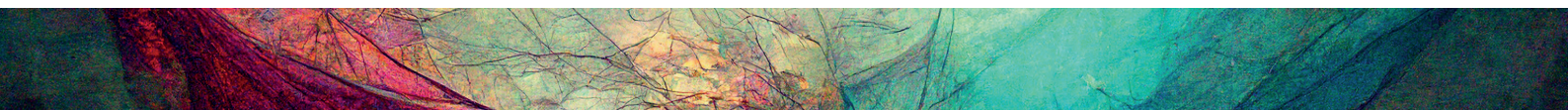
Neste desafio, não tendo nós, infelizmente, competências diretas na decisão, cabe-nos três coisas difíceis: garantir que não prevalece a “tragédia dos comuns”, porque nenhum tipo de egoísmo individual deve prevalecer; equilibrar a influência política entre os mais e os menos favorecidos; e garantir que seja feito tudo, por todos, para que sejamos capazes de sair desta situação e para que não voltemos a esta situação de escassez extrema.

É por sentir que nenhum interesse individual deve prevalecer que tenho seguido o caminho de: obrigar a que o governo oiça – mesmo que surdo – todas as partes; que se comprometa com os investimentos necessários para voltarmos a ter a possibilidade de gerir a água; e que, fundamentalmente, possa gerir a distribuição da escassez de água de forma justa.

Diria que, neste momento, só falta cumprir o último ponto e esse é um combate que não abandonarei.

O segundo grande desafio é o acolhimento em liberdade e com justiça. Alcançar este objetivo pressupõe que tenhamos uma sociedade devidamente ordenada e que isso é, nas palavras de John Rawls, “... um sistema de cooperação social entre indivíduos e instituições regulada por normas e procedimentos publicamente aceites como adequados à convivência pacífica entre todos”.

É nesse sentido que eu, muito eu, entendo que os investimentos não podem ser no sentido de vigiar, de fechar fronteiras, e de fechar a nossa sociedade aos outros.



Os territórios e as comunidades fechadas definham, não prosperam. As comunidades e os territórios abertos, em contrário, são territórios de oportunidade. Onde se sofre, é certo, onde existem problemas, claro! Mas é onde, em liberdade, podemos tentar resolver os problemas.

Por ter este sentido humanista na abordagem a este desafio, entendo que o caminho deve passar por um investimento coletivo num contrato social entre todos os diferentes membros da nossa comunidade para construirmos e/ou reconstruirmos as normas e procedimentos aceites como adequados à convivência pacífica entre todos.

Mesmo que se possa considerar ingénuo estarei sempre do lado que acredita nas pessoas. Eu acredito que as pessoas não abandonam as suas casas, as suas famílias e o seu país se não for por razões que as obriguem a tal. Se assim for, então o desafio não passa por, simplesmente, aceitarmos, a quem chega, a cor da pele diferente, a língua diferente, a religião diferente e/ou a cultura diferente. Passa por acolher e integrar com dignidade!

Acolher e integrar (quem quiser ficar), em Odemira, é um desafio com uma complexidade e uma dimensão que já, há muito tempo, ultrapassaram os métodos preconizados por estudos académicos sobre como responder a fenómenos migratórios.

Odemira precisa de respostas que se tornem ação e solução!

Partindo sempre do princípio, em que acredito, de que as pessoas são dotas de razão, sejam as que chegam, sejam as que já cá estão, as respostas estão obrigadas a criar condições a um novo contrato social que garanta justiça e liberdade. Condições de qualidade de vida em comum!

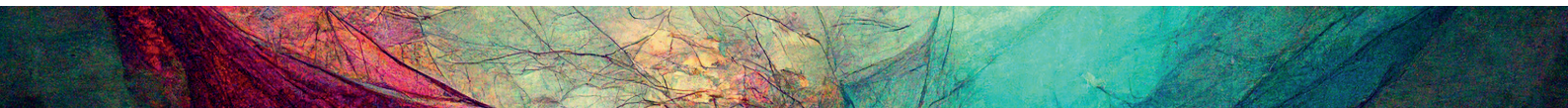
O que fizemos durante este primeiro ano e meio foi trazer a Odemira todos os membros do governo que tutelam aquelas organizações e/ou instituições que estão obrigadas a dar mais e melhores respostas a Odemira. Quisemos mostrar a realidade e quisemos, de viva-voz, explicar problemas e apresentar formas de podermos colaborar para resolver. Sempre para resolver!

Desde logo importa criarmos condições para que não cresça ainda mais a perceção de insegurança e de injustiça. Insegurança, nas diferentes interações entre pessoas de diferentes origens, por não se entender a língua, a cultura e a religião. Injustiça por não se entender o propósito e/ou rápido acesso à atividade económica.

Importa, também, repor a qualidade dos serviços públicos de interesse geral, no sentido de repor uma perceção de falta de liberdade de acesso físico aos serviços pois o seu congestionamento é permanente.

Finalmente, importa implementar novas formas de acolhimento e de integração num território, que é rural, que tem mais de 80 nacionalidades e que tem uma percentagem de população migrante acima de 30%.

Sabendo nós de que as urgências resultam, apesar de tudo, em ação lenta temos de destacar respostas que ape-



nas se consubstanciam, ainda, em possibilidades e/ou em ações experimentais, tais como:

- (1) Asseguramos a concordância de todas as entidades na concretização de um plano de fiscalização e comércio, serviços e habitação;
- (2) Asseguramos o compromisso de reforço dos meios da GNR em Odemira, bem como o investimento na melhoria dos postos de São Teotónio, Vila Nova de Milfontes e Odemira;
- (3) Asseguramos o compromisso de reforço dos serviços do IEPF em Odemira e da abertura de duas novas lojas em São Teotónio e em Vila Nova de Milfontes;
- (4) Asseguramos o compromisso de abertura de delegação do Alto Comissariado para as Migrações em Odemira;
- (5) Asseguramos o reforço da presença da Autoridade para as Condições de Trabalho em Odemira;
- (6) Assinamos (estava assegurado pelo anterior executivo) um pacote de apoio a soluções de habitação que nos permitem uma capacidade de investimento importante;
- (7) Asseguramos algumas propostas para os novos pacotes legislativos da Habitação (ANMP é contra) e do Trabalho dignos;
- (8) Asseguramos o envolvimento conjunto de alguns ministérios na criação de um projeto piloto para os serviços públicos descentralizados e/ou móveis;

Sabemos bem que ainda falta muita coisa, principalmente, nas áreas da saúde, educação e justiça, mas sabemos o que queremos e o caminho que temos de fazer. Acima de tudo estaremos aqui, com esta Assembleia Municipal, sempre, para defender Odemira.

Exma Sra. Presidente da Assembleia Municipal;

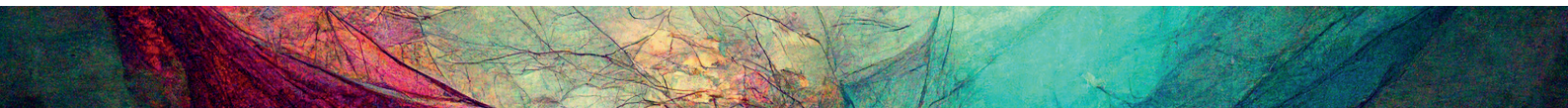
Exmas Sras. e Exmos Srs.

Hoje, nestes novos tempos, temos novos desafios. A nossa liberdade também passa pela segurança dos nossos dados e da nossa privacidade que se desmaterializou. Assim, os ataques à nossa liberdade enquanto indivíduos e enquanto instituições já são feitos em novos campos de batalha. Campos de batalha que não são visíveis aos nossos olhos, mas que produzem um estrago muito significativo nas nossas vidas.

Esta nossa instituição, em 25 de março, foi atacada de forma brutal e ainda hoje, depois de várias semanas a tentarmos repor a normalidade, continuamos com fragilidades na resposta às pessoas, facto que muito lamentamos.

Mas nós também temos soldados do nosso lado, soldados preparados, solidários e que têm sido incansáveis. É com orgulho e admiração que tenho acompanhado a capacidade de entrega, de trabalho conjunto e de reinvenção que todos os funcionários municipais têm demonstrado neste combate que estamos a travar. A eles devo, com justiça e em liberdade, um profundo agradecimento público pela luta que estão a travar pela nossa liberdade.

Finalmente o desafio da mudança, nas organizações e nos eventos, permitiu-nos, este ano, começar a preparar



uma forma de comemoração do 25 de Abril de forma diferente.

Começou, desde logo, diferente pois tinha as dificuldades inerentes ao próprio ataque informático que tudo obrigou a refazer. Mas, acima de tudo, tinha o imenso desafio de olhar para a Vila de Odemira como o recito das comemorações, de criar acessos com conforto e dignidade e de garantir que quem vive e/ou trabalha na vila não tem constrangimentos desnecessários.

Para toda esta mudança também tivemos soldados. Desde logo os nossos parceiros e fornecedores que confiaram e acreditaram que tudo decorreria com normalidade apesar da anormalidade e, finalmente, todos os funcionários que se empenharam até à última gota de suor para proporcionar a todos o melhor de Odemira. A todas estas mulheres e homens o meu sentido agradecimento.

A liberdade e a justiça que Abril obriga também passa por sentirmos que temos soldados que, apesar dos ataques mais ou menos digitais e do risco que é mudar, estão prontos para o combate e prontos para todos os dias darem o seu melhor.

É por tudo isto que eu acredito nas pessoas. É bem verdade que por vezes falhamos, e outras vezes não estamos atentos aos outros, mas, na maioria das vezes mostramos bem que aprendemos com a liberdade que conquistamos naquela madrugada de abril. Na verdade, nós representamos muito bem os ideais de Abril! Nós somos Abril!

Há quem diga, e bem, que “o caminho é o poema”, mas eu, confirmo todos os dias, com gosto, que as pessoas são o poema!

Viva o 25 de Abril!

Viva Odemira!

Viva Portugal!

Odemira, 25 de Abril de 2023

Hélder Guerreiro,

Presidente Câmara Municipal

